

INTRODUÇÃO

Partindo da realidade que vivenciamos em nossa Unidade Escolar e das dificuldades que encontramos para fazer uso da brincadeira, com o objetivo de desenvolver habilidades nos alunos ou pelo ato lúdico do brincar, resolvemos pesquisar na Rede Municipal de Mesquita, o que pensam educadores e responsáveis sobre esse tema. Que concepções circulam no cotidiano escolar sobre o brincar? Existem garantias para o brincar? O que dispõe sobre essa prática as Leis e orientações educacionais?

O recorte proposto para a pesquisa são os primeiros anos do ensino fundamental de 9 anos. A escolha dos primeiros anos do ensino fundamental se deu em função da transição que há entre as práticas da educação infantil, marcadas pelo caráter simbólico e as práticas do ensino fundamental, centradas nos jogos regrados e nas brincadeiras coletivas.

Acreditamos que através da brincadeira a criança se apropria de elementos da comunicação, da interação, da criatividade, das noções de espaço, das regras e de hábitos de sua sociedade. Aprende a resolver conflitos, a lidar com escolhas, a esperar sua vez, a ouvir, a ganhar ou perder. Além disso, enquanto brinca a criança desenvolve internamente sua memória, a organização do pensamento, técnicas de concentração, entre outros. “... brincar oferece situações de desenvolvimento que dão suporte para as aprendizagens de conhecimentos sistematizados” (Lima, 2007.p.10), que são de essencial importância na formação dos sujeitos.

Lançamo-nos ao desafio da escrita coletiva dessa monografia ao optar por fazê-la em dupla. Mesmo com áreas diferenciadas de estudo, a crença na importância da inclusão do direito de brincar na escola nos aproximou, unindo assim, as trajetórias e campos de estudo citados a seguir.

Eu, Aline, trabalho na Rede Municipal de Mesquita há três anos, onde obtive minha primeira experiência como professora no primeiro segmento do ensino fundamental. Sou formada em História, no qual minha pesquisa monográfica foi sobre a História da formação do Município de Mesquita. Na pesquisa, pude observar que, por ser uma cidade emancipada a pouco tempo (25 de setembro de 1999), ainda apresenta uma ausência significativa de alguns aspectos que são primordiais à sua população, principalmente no que diz respeito a formação escolar de suas crianças. Mesquita apresenta muitas escolas que não foram planejadas para serem instituições de ensino. Algumas delas eram casas e/ou pequenas escolas particulares, que ao se tornarem do

município, passaram a ter que suportar um número muito maior de alunos do que são capazes. A cidade carece de estruturas físicas adequadas para a formação plena de seus cidadãos. Outro aspecto notável de um município novato é a falta de uma linha pedagógica clara, de um Projeto Político Pedagógico escrito, que possa orientar as práticas das instituições. Porém, por ser um município pequeno, espero que estes problemas sejam sanados em breve.

Eu, Jaqueline estou habilitada a lecionar Educação física através de curso técnico profissionalizante. Inicialmente trabalhei em academias de dança e posteriormente na Educação infantil onde atuei durante 11 anos. Conclui o curso de Pedagogia em 1999 e iniciei meu trabalho na Prefeitura Municipal de Mesquita, através de contrato, neste período trabalhei como Orientadora Pedagógica e comecei a observar a falta do brincar nas escolas. No ano de 2006, fui aprovada no concurso como professora de 1º segmento do ensino fundamental. Comecei então, a pesquisar sobre a importância e a inclusão do brincar nas escolas de Mesquita e os benefícios que as brincadeiras trazem para as crianças.

Trabalhando na mesma Unidade escolar, percebemos o pouco espaço ali destinado para as brincadeiras. Passamos então a buscar discutir com a equipe o tema e a criar espaços onde ele pudesse ser inserido. Acreditamos que o brincar só poder ser reconhecido como parte da cultura infantil se houve a valorização da brincadeira por parte dos profissionais de educação das escolas.

A partir do ano de 2008 tivemos a oportunidade de unir nossas concepções sobre a brincadeira e embasá-las através das leituras e debates das disciplinas do curso de pós-graduação oferecido pela UFRRJ em parceria com a Prefeitura Municipal de Mesquita.

Por isso, neste trabalho, temos por finalidade refletir sobre a importância da brincadeira no ambiente escolar e os benefícios alcançados através dela. Visamos também, que as discussões aqui apresentadas sirvam de subsídios para a elaboração do Projeto Político Pedagógico das instituições (documento ainda não existente na rede) através da inserção de aspectos relacionados ao ato de brincar, beneficiando assim as crianças de nosso Município.

No primeiro capítulo, discutiremos a construção do conceito de infância, refletiremos sobre as Leis que respaldam o brincar e as Diretrizes que orientam a Educação no Brasil, gostaríamos de embasar nosso trabalho de pesquisa discutindo sobre o que é a infância e apresentar algumas concepções sobre a mesma e sobre a educação através do tempo.

No capítulo subsequente, traremos os significados das palavras: brincar, brincadeira, brinquedo e jogo. Ressaltando a importância do brincar no desenvolvimento infantil.

No terceiro capítulo, através de questionários aplicados a Equipe pedagógica, responsáveis e alunos da Escola Municipal Professor Samuel de Souza Maciel, analisaremos a concepção que permeia o ato de brincar em nossa escola, a dicotomia que existe entre a teoria e a prática de nossas professoras e a visão da criança em relação a isto.

“Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino”.
(FREIRE, Paulo. Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários a prática educativa. São Paulo: Paz e Terra. 1996.)

1- DIREITO DO BRINCAR - CONCEPÇÕES, HISTÓRIA E LEGISLAÇÃO.

Meus oito anos

“... Naqueles tempos ditosos
 Ia colher as Pitangas,
 Trepava a tirar as mangas,
 Brincava à beira do mar;
 Rezava às Ave-Marias,
 Achava o céu sempre lindo.
 Adormecia sorrindo
 E despertava a cantar!

Oh! Que saudades que tenho
 Da aurora da minha infância querida
 Que os anos não trazem mais!...”
 (Casimiro de Abreu)

Segundo Kramer (2000) “a infância mais que estágio é categoria da história: existe uma história humana porque o homem tem infância” (p.13). A infância é compreendida como a primeira fase da vida, um período na história de cada pessoa que vai do nascimento até aproximadamente os doze anos de idade. É um momento de descobertas contínuas do eu e do mundo, através de emoções, sensações e múltiplas experiências. A criança é um indivíduo que se encontra nessa primeira fase da vida, em desenvolvimento bio-psico-social, que se caracteriza pela espontaneidade, criatividade e imaginação.

Fazendo um percurso histórico sobre o delinear de uma concepção de infância podemos destacar que durante o feudalismo¹, não havia distinção entre crianças e adultos, nem a existência da idéia moderna de infância. Assim, logo que a criança tinha condições de viver longe de suas mães, eram introjetadas gradualmente, na sociedade e nela não se diferenciavam dos adultos. Isso não significa que as crianças eram negligenciadas “uma coisa é a existência da idéia de infância e outra a de afeição pelas crianças” (SARMENTO, 1997, p.35). Porém, elas só passavam a ser integrantes das famílias, “contada como tal”, depois que alcançavam uma determinada idade, Sarmento (1997) relata que “a idade-referência para o início desta transição parece ter sido o perfazer dos sete anos” (p.35), pois enquanto eram pequenas e frágeis era improvável que sobrevivessem pelo fato do alto nível de mortalidade da época. Anterior a essa idade, as crianças não eram batizadas, não tinham direito a funerais e túmulos. O

1- Período que vai do final do século V até meados do século XV.

surgimento do capitalismo, entre os séculos XIII e XV, marca o início do conceito de infância, primeiramente ligada a religião, aparecem pinturas sobre a infância de Jesus e o seu cotidiano.

A partir do século XVI, começa a surgir uma mudança na atitude em relação a criança, uma tendência em retratar as crianças na arte, na fotografia e na religião. Além disso, começam a diferenciá-las dos adultos. “Essa evolução terminou por dar a criança, à criancinha pequena – ao menos onde esse sentimento afluía, ou seja, nas camadas superiores da sociedade dos séculos XVI e XVII um traje especial que a distinguiu dos adultos” (Kramer, 2000, p.19). É a partir daí, que a criança será observada com um novo olhar, passando a ser vista como fonte de distração e relaxamento, ser ingênuo e gracioso. Surge o “sentimento de paparicação”, mais presente nas mulheres, amas de leite ou mães. Áries (1987) destaca que, neste momento as crianças começam a ser batizadas, a ter direitos a funerais e túmulos.

No século XVII, contrapondo as idéias existentes no século anterior, começam a considerar a criança como um ser imperfeito e incompleto, surge a preocupação em relação a sua formação moral. Para crescerem e se tornarem adultos honestos deveriam ser moralizadas. Um dos instrumentos de moralização era o castigo corporal (Áries, 1981). São criadas as primeiras escolas - os internatos. Estes tinham a função de moldarem as crianças, já que estas, para os estudiosos iluministas da época, como por exemplo, Jonh Locke (1632-1704) e Jean Jacques Rousseau (1712-1778), nasciam como folhas em branco. Locke fundou a teoria da *tabula rasa*, onde acredita-se que as crianças podem ser moldadas pelos adultos como bem preferissem e julgassem melhor para o pleno desenvolvimento. Para Rousseau, a criança era pura e ingênua, sua natureza era boa e por isso, necessitava ser deixada livre para que pudesse agir normalmente favorecendo o seu desenvolvimento. Já o fundador da teoria acima citada, alertava para especial atenção que devia ser dada a esta “folha em branco”, principalmente pelos responsáveis principais no preenchimento desta, os pais e os professores. (Sarmiento, 1997, p.40). A palavra infância é utilizada pela primeira vez, *an faus* = sem fala. Surge o interesse com a higiene e a saúde física, aparecem as primeiras vacinas. Estes aspectos fazem com que a probabilidade de uma criança vir a falecer ainda muito pequena seja bem reduzida, o que será um ponto favorável a mudança na concepção da infância.

Não podemos negar que o principal motivo da mudança no conceito em relação a criança se deu pela questão de transformações na área econômica, política e na

estrutura social. Podemos compreendê-la, segundo Kramer (1982) como uma perspectiva histórica.

“A mudança da concepção de infância foi compreendida como sendo eco da própria mudança nas formas de organização da sociedade, das relações de trabalho, das atividades realizadas e dos tipos de inserção que nessa sociedade têm as crianças. Assim entendidas a questão, não se trata de estudar a criança como um problema em si, mas de compreendê-la segundo uma perspectiva histórica”. (KRAMER, 1982, p.18).

Durante os séculos XVIII e XIX começam a aparecer as primeiras escolas para crianças e inicia-se a idéia de que a escola é para todos. São concebidas teorias como o inatismo e o determinismo biológico, onde o que determina o indivíduo é o seu fator biológico.

No começo do século XX universaliza-se a teoria do determinismo social, onde o que personaliza a criança é o seu meio social de origem. Cria-se uma visão naturalizada da infância surgida na classe hegemônica, visão essa feita para uma criança abstrata, pois era válida para todas as crianças e ao mesmo tempo para nenhuma (ÀRIES, 1987). Porém, ao longo deste século, os estudos sobre a criança começam a invadir vários outros campos do conhecimento. Na década de 1970 surgem os estudos realizados sobre a infância pelo francês Philippe Ariès. Este considera todo contexto social e histórico da criança, sua família, sua inserção e seu papel social na comunidade, para o autor a infância é uma categoria social construída recentemente pela humanidade. Neste mesmo período, surgem também as contribuições de outro francês, o sociólogo Bernard Charlot, que analisou o caráter ideológico, histórico e social dado a criança e a infância. De acordo com Kramer (2000), “as idéias de Charlot favorecem compreender a infância de maneira histórica, ideológica e cultural: a dependência da criança em relação ao adulto, diz o sociólogo, é fato social e não natural” (p. 14).

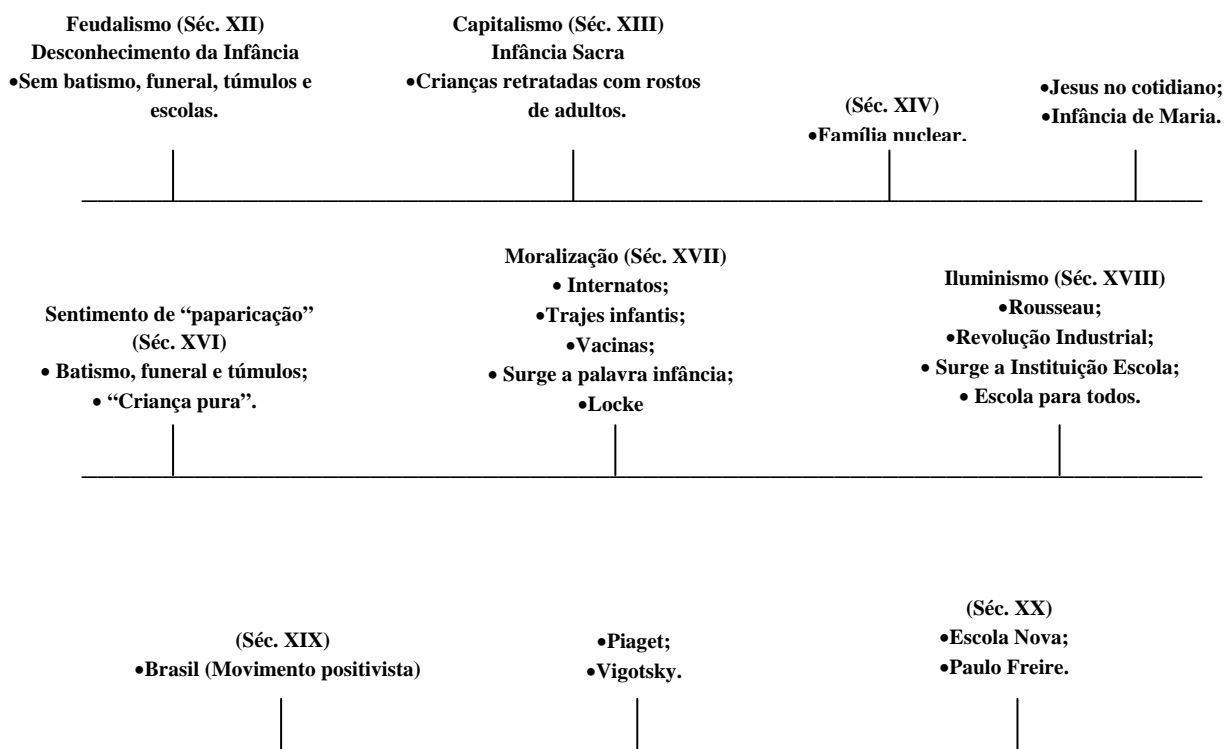
Devemos ressaltar que, no Brasil os estudos sobre a infância e a criança só começam a aparecer a partir do século XIX e ganham intensidade durante os séculos seguintes. Porém, a história da infância no nosso país sempre se confunde com a desigualdade na distribuição de renda, as diferenças de classes sociais e o preconceito.

“... a presença da população indígena e de seus costumes, o longo período de escravidão, a opressão a que foi submetida expressiva parte da população brasileira, e ainda as migrações, o colonialismo e o imperialismo, inicialmente europeu e mais tarde americano, forjaram condições que, sem dúvida, deixaram marcas

diferenciadas no processo de socialização de adultos e crianças”. (KRAMER, 1982, p.20).

A antropologia, a filosofia, a psicologia, a sociologia entre outras ciências se envolvem nestes conhecimentos e passam a ter a criança como objeto de estudo. Querem conhecer o olhar que ela tem sobre o mundo, sobre ela mesma, conhecer a criança nos seus próprios termos. Passa-se então da posição de *an faus* para a de sujeito da linguagem. Segundo Kramer (1982), “pesquisar a infância com este olhar significa pesquisar a própria condição humana, a história do homem” (p.38). Muitos outros teóricos, ao longo da história, também contribuíram para o desenvolvimento da criança como objeto de estudo, como por exemplo, Jean Piaget, Vygotsky, Fröbel, Pestalozzi, Montessori, Wallon, Paulo Freire, entre outros estudados e citados ao decorrer deste trabalho.

Linha do tempo com algumas concepções de infância:



Essa trajetória será fundamental no reconhecimento do que é característico da infância e da criança. A infância passa a ser considerada como modo singular de ser e estar das crianças no mundo, marcado pelo poder de imaginação, de fantasia, de criação, de ressignificação, explicitado através da/na brincadeira.

“As crianças brincam, isso é o que as caracteriza. Construindo com pedaços, refazendo a partir de resíduos ou sobras, na brincadeira, elas estabelecem novas relações e combinações. As crianças viram as coisas pelo avesso e, assim, revelam a possibilidade de criar. Uma cadeira de cabeça para baixo se torna barco, foguete, navio, trem, caminhão. Aprendemos, assim, com as crianças, que é possível mudar o rumo estabelecido das coisas”. BENJAMIN. (1987).

A brincadeira é uma forma de produção e de prática cultural e ao mesmo tempo também, uma maneira de perpetuação da cultura humana. Através da brincadeira a criança se apropria da cultura da sociedade em que está inserida, da comunicação e desenvolve muitos hábitos, aprendizagens e noções.

Partindo desta concepção de que a brincadeira é nata da criança e que através dela a criança aprende e desenvolve habilidades, analisaremos a importância que é dada a brincadeira nas leis que respaldam e direcionam a educação brasileira.

Na Declaração do Direito Universal das Crianças, no princípio VII, fica esclarecido que: “a criança deve desfrutar plenamente de jogos e brincadeiras os quais deverão estar dirigidos para a educação; a sociedade e as autoridades públicas se esforçarão para promover o exercício deste direito”².

A qualidade de oportunidades que estão sendo oferecidas à criança através de brincadeiras e brinquedos garante que suas potencialidades e sua afetividade se equilibrem. A ludicidade, tão importante para o ser humano é um espaço que merece atenção dos pais e educadores, pois é o espaço para expressão mais genuína do ser, “é o espaço e o direito de toda criança para o exercício da relação afetiva com o mundo, com as pessoas e com os objetos”. Segundo Atzingen (2001)

“... o brinquedo age como espelho da sociedade. Retrata usos, costumes, moda, tecnologia de um período, como um corte radiografado no tempo... ele é muito mais que entretenimento. É acima de tudo, um processo cultural que forma, amplia e estabelece valores.” (ATZINGEN, 2001. p.11/12).

Relacionando os jogos e brincadeiras com a educação, podemos afirmar como professoras no município de Mesquita, através da reflexão cotidiana da nossa prática que, as situações problemas contidas na manipulação dos jogos e brincadeiras fazem a criança crescer através da procura de soluções e de alternativas. Enquanto brinca, a criança se sente motivada, fica mais atenta e mais participativa.

2- In: www.acmd.org.br/arquivos/id_6_declaracaouniversal.doc. Acesso: 06/11/2008.

Os objetivos apontados nos Parâmetros Curriculares Nacionais definem termos de capacidade de ordem cognitiva, física, afetiva, de relação interpessoal e inserção social, ética e estética, tendo em vista uma “formação ampla”. Na capacidade física engloba-se “o autoconhecimento e o uso do corpo na expressão de emoções, na superação de estereotípias de movimentos, nos jogos e no deslocamento com segurança... a escola tem como função potencializar o desenvolvimento de todas as capacidades, de modo a tornar o ensino mais humano, mais ético”. (p. 67).

No livro de Educação Física dos Parâmetros Curriculares Nacionais, os jogos e brincadeiras são vistos até como forma de avaliação. Primeiro critério de avaliação da Educação Física para os primeiros anos do ciclo: “Enfrentar desafios corporais em diferentes contextos com circuitos, jogos e brincadeiras. Pretende-se avaliar se o aluno demonstra segurança para experimentar, tentar e arriscar em situações propostas em sala ou em situações de aprendizagem corporal”. (p.67).

Como objetivos da Educação Física, eles aparecem tanto no primeiro como no segundo ciclo do ensino fundamental. No segundo ciclo: “Organizar jogos e brincadeiras ou outras atividades corporais, valorizando-as como recursos para usufruto do tempo disponível”. No primeiro ciclo: “Organizar autonomamente alguns jogos, brincadeiras ou outras atividades corporais simples”. (p.63).

Os documentos citados acima utilizam os jogos, as brincadeiras e o esporte como um contexto favorável para a intervenção do professor, no que diz respeito ao conhecimento relativo à cultura corporal, neste momento podem ser feitas, tanto pelo aluno quanto pelo professor, intervenções, questionamentos, e modificações de brincadeiras ou jogos. Fazendo assim, um diagnóstico sobre o aluno.

Se os jogos, a brincadeira e o esporte são manifestações culturais que transpassam a história humana, quando utilizados na escola estarão ligados a uma característica nata da criança e ressignificando sua cultura.

“Existe um rico e vasto mundo de cultura infantil repleto de movimentos, de jogos, da fantasia, quase sempre ignorado pelas instituições de ensino. Pelo menos até a 4ª série do 1º grau, a escola conta com alunos cuja maior especialidade é brincar. É uma pena que esse enorme conhecimento não seja aproveitado como conteúdo escola... Uma coisa é certa: negar a cultura infantil é, no mínimo, mais uma das cegueiras do sistema escolar.” (FREIRE, 1997. p. 13).

Vale a pena uma mobilização por parte dos profissionais de educação e por todos que fazem parte integrante da escola, a fim de modificar esse olhar para o brincar e assegurá-lo aos nossos alunos.

O brincar na escola deve estar articulado não só com a educação física, mas com as diferentes áreas do currículo, isto porque, sendo o eixo que permeia todos os conhecimentos, pode estar articulado com as propostas elaboradas para o aprendizado de conteúdos específicos de outras áreas.

É de fundamental importância que os temas, as imagens e os tipos dos brinquedos e os materiais oferecidos sejam determinados pela observação, escuta dos interesses das crianças, assim como por objetivos programáticos previamente definidos.

O livro publicado pelo Ministério da Educação- Ensino Fundamental de Nove Anos: Orientações para inclusão da criança de seis anos de idade (BRASÍLIA, 2006), aponta uma reflexão sobre a oportunidade de mudanças na proposta pedagógica e no projeto pedagógico da escola, levando os educadores a reformularem suas práticas de maneira a pensar e garantir o brincar atendendo não só as crianças de seis anos que agora fazem parte do ensino fundamental.

Esse documento poder ser considerado como um avanço, pois até então, a brincadeira era concebida... ou simplesmente não reconhecida como é o caso na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB 9394/96), que em momento algum no corpo de seu texto faz alusão ao ato de brincar como direito da criança.

No Estatuto da Criança e do Adolescente, encontramos no livro I, título I e artigo 3º, a brincadeira de forma implícita, pois fala da garantia de desenvolver fisicamente o educando “assegurando-se-lhes, por lei ou por outros meios, todas as oportunidades e facilidades, a fim de lhes facultar o desenvolvimento físico, mental, moral, espiritual e social, em condições de liberdade e de dignidade”.

Na parte I da Convenção sobre os Direitos da Criança, artigo 31.1 relata-se que “os Estados Partes reconhecem o direito da criança ao descanso e ao lazer, ao divertimento e as atividades recreativas próprias da idade, bem como à livre participação na vida cultural e artística”. Percebemos na lei, a brincadeira sem cunho pedagógico, mas sim como característica da infância. Desta forma, a lei garante aos educadores deixar seus alunos terem o direito de brincar livremente, sem ter que relacioná-la sempre aos conteúdos programáticos.

De acordo com Lima (2007), “as aprendizagens escolares dependem não somente das atividades de ensino dos conteúdos escolares, como também das atividades que promovem o desenvolvimento infantil”. (p.10).

Acreditamos que a brincadeira pode ser aplicada nas escolas não só como forma de diretriz pedagógica, mas também de maneira livre para ver e perceber as crianças em seu momento mais característico da infância, contribuindo assim, com o desenvolvimento de vários aspectos infantis.

Infelizmente, nem todas as Leis que direcionam e embasam a infância e a educação brasileira garantem a brincadeira como um aspecto peculiar e intrínseco da criança, mas esperamos que através desta reflexão sobre as leis que respaldam a educação, possamos contribuir para que haja uma transformação no modo de agir e pensar dos profissionais da educação.

Gostaríamos de finalizar este capítulo, apresentando alguns pensamentos a respeito do brincar na infância, que para nós são bastante expressivos e reflexivos. É possível observar que mesmo estes filósofos, estudiosos e poetas sendo de períodos históricos completamente diferentes, todos apresentam o brincar de maneira significativa.

“Brincar com crianças não é perder tempo, é ganha-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los sentados enfileirados em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem”.
DRUMMOND.

"Brincar é um componente crucial do desenvolvimento, pois, através do brincar a criança é capaz de tornar manejáveis e compreensíveis os aspectos esmagadores e desorientadores do mundo. Na verdade, o brincar é um parceiro insubstituível do desenvolvimento, seu principal motor. Em seu brincar, a criança pode experimentar comportamentos, ações e percepções sem medo de represálias ou fracasso, tornando-se assim mais bem preparada para quando o seu comportamento 'contar'".
HOWARD GARDNER.

“É preciso brincar para se tornar sério”.
ARISTÓTELES.

“A brincadeira não é trivial, ela é altamente séria e de profunda significância”.
FRIEDRICH FRÖBEL.

“Não eduques as crianças nas várias disciplinas recorrendo à força, mas como se fosse um jogo, para que também possas observar melhor qual a disposição natural de cada um”.
PLATÃO.

2- O QUE É BRINCAR? O QUE É BRINCADEIRA? O QUE É BRINQUEDO? O QUE É JOGO?

Amarelinha

Pula menina
amarelinha,
segue a linha,
joga a pedra,
dobra a perna...
Ida e volta
num pé só,
saci pererê a pular...
Qual a casa da menina?
Que destino ela terá?
O céu ou o inferno,
Qual será?
(Fátima Miguez)

Existem vários significados para definir brincar, brincadeira, jogo, brinquedo e lúdico e muitas vezes esses significados são interpretados de maneira questionável.

Encontramos no dicionário Aurélio, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (6ª edição, 2005, p.188), a palavra **Brincar** que significa 1. divertir-se infantilmente. 2. divertir-se, entreter-se. 3. dizer ou fazer algo por brincadeira. A palavra **Brincadeira** 1. ato ou efeito de brincar. 2. brinquedo. 3. entretenimento, passatempo, divertimento. Encontramos a palavra **Brinquedo** como 1. objeto para as crianças brincarem. 2. jogo de criança; brincadeira. E a palavra **Jogo** como 1. atividade física ou mental fundada em sistema de regras que definem a perda ou o ganho. 2. passatempo. E ainda, a palavra, **Lúdico** relativo a jogos, brinquedos e divertimento. Ao encontrarmos essas significações, acreditamos contribuir, para identificar algumas concepções do brincar nesta pesquisa.

A etimologia da palavra brincar, vem do latim e tem como radical a palavra brinco, que morfologicamente significa “ *vinculu / vinculum*”. Brincar constitui-se então, em um exercício de ligação, de criar vínculos com outros ou consigo mesmo. A etimologia da palavra jogo também origina-se do latim e significa *jocu* ou o *gracejo*, esta última vem da palavra graça.

Brincando, a criança experimenta, descobre, inventa, aprende e confere habilidades. Além de estimular a curiosidade, a autonomia, proporciona o desenvolvimento da linguagem, do pensamento e da concentração e atenção. Longe de ser apenas uma atividade natural da criança, a brincadeira é uma aprendizagem social.

Brincar é um momento de auto-expressão e auto-realização. As atividades livres com blocos e peças de encaixe, as dramatizações, a música e as construções

desenvolvem a criatividade, pois exige que a fantasia entre em jogo. Já o brinquedo organizado, que tem uma proposta e requer desempenho, como o jogo (quebra-cabeça, dominó e outros) constitui um desafio que promove a motivação e facilita escolhas e decisões à criança. Quando se brinca, aprende-se antes de tudo, a brincar, a controlar um universo simbólico particular.

“No quintal a gente gostava
de brincar com palavras
mais do que de bicicleta.
Principalmente porque
ninguém possuía bicicleta.
A gente brincava de palavras
descomparadas. Tipo assim:
O céu tem três letras
o sol tem três letras
o inseto é maior.
O que parecia um despropósito
para nós não era despropósito.
Porque o inseto tem seis
letras e o sol tem três
logo o inseto é maior.
(Aqui entrava a lógica?).
(A infância/ Manoel de Barros)

O brincar traduz o real para a criança. Suaviza o impacto provocado pelo tamanho e pela força dos adultos, diminuindo o sentimento de impotência da criança. Brincando, sua inteligência e sua sensibilidade estão sendo desenvolvidas. A brincadeira envolve emoção, afetividade, compreensão da dinâmica do jogo, além de estabelecer e romper laços entre os participantes. “Um jogo ou uma brincadeira com a participação de mais de uma pessoa sempre implica trocas, partilhas, confrontos e negociações”. (Lima, 2007. p.6). Durante uma brincadeira ou jogo, podemos alternar momentos de harmonia e desarmonia entre o grupo.

Percebemos ao observar os alunos, que durante uma brincadeira em grupo, as escolhas são feitas através de muita discussão entre os participantes. As crianças assimilam as idéias das outras e se fazem ouvir, a troca e os questionamentos surgem nestes momentos.

No brincar ao mesmo tempo em que a criança está em um processo coletivo da compreensão e da dinamização de sua cultura, também está desenvolvendo-se individualmente.

“A brincadeira e o jogo são processos que envolvem o indivíduo e sua cultura, adquirindo especificidades de acordo com cada grupo. A brincadeira e o jogo têm

um significado cultural muito marcante, pois é através do brincar que a criança vai conhecer, aprender e se constituir como um ser pertencente ao grupo, ou seja, são meios para a construção de sua identidade cultural”. (LIMA, 2007, p.6).

Brincar é indispensável à saúde física, emocional e intelectual da criança. Irá contribuir, no futuro, para a eficiência e o equilíbrio do adulto. Através do desempenho das crianças com a brincadeira, podemos avaliar o nível de seu desenvolvimento motor e cognitivo. No lúdico, manifestam-se suas potencialidades e ao observá-las podemos enriquecer sua aprendizagem, fornecendo através dos brinquedos e das brincadeiras os nutrientes ao seu desenvolvimento. Durante a observação de crianças brincando no ambiente escolar, o professor é capaz de perceber como a criança se relaciona com o outro, com os objetos, com as regras, com ganhar e perder, quais são seus interesses, qual estágio de desenvolvimento se encontra e até como se apresenta emocionalmente no momento da brincadeira. É importante essa observação, para que através da informação colhida o professor tenha subsídios para auxiliar no desenvolvimento e autonomia da criança. É importante ressaltar que “a ação do educador deve ser, antes de tudo, refletida, planejada e uma vez executada, avaliada”. (Lima, 2007, p.29).

Nas atividades dirigidas podem surgir idéias e oportunidades de as crianças ampliarem sua visão do mundo. Desta maneira, elas podem transpassar suas descobertas para novas brincadeiras, recriando-as. Isto, parte da observação do professor ao conteúdo das brincadeiras e ao interesse demonstrado pelas crianças. Quando valorizamos a brincadeira desde as séries iniciais, percebemos que as crianças aprendem muito com a troca de experiências.

É de fundamental importância que os temas, as imagens, os tipos dos brinquedos e os materiais oferecidos sejam determinados pela observação, escuta dos interesses das crianças, assim como por objetivos programáticos previamente definidos.

O jogo na mão de todo e qualquer tipo de educador, incluindo não só professores, mas também responsáveis, é de um valor pedagógico riquíssimo e como tal, deve ser utilizado com toda sua potência educativa, pois como diz Jacquim (1963) “o jogo é para criança a coisa mais importante de sua vida” (p. 7).

Nos jogos com regras, o desafio e a resolução de problemas encontram-se no cumprimento de determinadas regras que organizam as ações das crianças. Estas atividades abrangem as brincadeiras tradicionais que envolvem o corpo, tais como: jogos com bolas, amarelinha, etc, jogos tradicionais de linguagem: adivinhações, trava-línguas, parlendas, etc, jogos tradicionais com objetos: rodar pião, bolinha de gude,

elástico, etc, jogos de tabuleiro: como dama, xadrez, trilha, etc, e uma infinidade de jogos de estratégia e de percurso. O jogo é uma atividade que tem valor educacional intrínseco. Leif (1978) diz que “jogar educa, assim como viver educa: sempre sobra alguma coisa” (p. 10/11). Mas, além desse valor educacional, que lhe é inerente, o jogo pode ser utilizado como recurso pedagógico.

O brincar é um espaço educativo fundamental da infância, pois oferece à criança a possibilidade de construir uma identidade, autônoma, cooperativa e criativa, auxiliando-a a compreender o mundo em que vive e interagir com ele.

“A experiência do brincar cruza diferentes tempos e lugares, passados, presentes e futuros, sendo marcada ao mesmo tempo pela continuidade e pela mudança. A criança, pelo fato de se situar em um contexto histórico e social, ou seja, em um ambiente estruturado a partir de valores, significados e artefatos construídos e partilhados pelos sujeitos que ali vivem, incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros - adultos e crianças”. (BORBA, 2005, p.33/34).

Acreditamos que este momento não seja um espaço de reprodução, e sim de construção das crianças, pois a característica fundamental da infância é o poder de criar, fantasiar e imaginar. O que pode acontecer em cima da realidade em que a criança está inserida. Propiciando o brincar, cria-se um espaço no qual as crianças podem experimentar o mundo, interpretar, compreender, de maneira ativa e própria, os comportamentos, usos, costumes e sentimentos da sociedade em que vive. Brincar é talvez um dos mais característicos atributos humanos.

“Afim, brincar é uma experiência de cultura importante não apenas nos primeiros anos da infância, mas durante todo percurso de vida de qualquer ser humano, portanto, também deve ser garantida em todos os anos do ensino fundamental e etapas subsequentes da nossa formação!”. (idem, p.42)

Essa nova forma de perceber e se apropriar da brincadeira como parte positiva do processo de ensino-aprendizagem infelizmente não faz parte da realidade de nossas escolas no município de Mesquita, onde ainda prevalece a idéia da brincadeira como atividade sem objetivos, sem proposta, simplesmente como uma forma de “matar” o tempo. Esse pensamento é ratificado por Fortuna:

“Nos tempos de hoje a brincadeira acha-se acantonada. Restrita a momentos e espaços bem definidos é, assim, controlada, como se seu potencial transformador

pudesse, desse modo, ser dirigido. Brincar, diz-se, só se sobrar tempo, pois é coisa de quem não tem o que fazer”. FORTUNA. (2004. p.2)

Através da observação das brincadeiras de nossos alunos podemos conhecê-los melhor, compreendendo o meio social que está inserido fora dos muros da escola. Na hora da brincadeira a criança revela muito do que conhece e vive. Quando as crianças brincam, vemos constantemente que elas começam a pensar sobre diversos problemas e possíveis soluções, com a resolução de problemas, buscamos desenvolver habilidades procedimentos e atitudes.

A intervenção do adulto baseia-se ao mesmo tempo na oferta de momentos de brincadeiras, na delimitação do tempo e na organização do espaço para brincar, afim de que as crianças possam vivenciar diferentes papéis de tramas e enredos definidos por elas próprias ou na apresentação de um novo jogo de regras ou de uma brincadeira tradicional. Porém, essa intervenção deve ser moderada, pois a criança é quem deve decidir do que brincar e como brincar.

Podemos também, buscar brincadeiras de outros tempos, recriar jogos, realizar competições entre escolas ou turmas, tudo isto, facilitando o processo de ensino aprendizagem. Pois, o brincar na escola é diferente. Os brinquedos e as brincadeiras são compartilhados por um grupo maior, com crianças da mesma faixa etária ou não e sob o olhar de um professor que deve estar atento aos modos de brincar, as reflexões, aos significados dados à brincadeira.

Vygotsky (1991) considera a brincadeira uma grande fonte de desenvolvimento que, como foco de uma lente de aumento, contém todas as tendências do desenvolvimento de forma condensada. O autor aponta que a brincadeira fornece ampla estrutura básica para mudanças das necessidades e da consciência, nas brincadeiras, as crianças ressignificam aquilo que vivem e sentem. Para Brougère (1999), na brincadeira de faz de conta se estabelece uma forma de comunicação que pressupõe um aprendizado, com consequência sobre outros aprendizados, pois ele permite desenvolver um melhor domínio sobre a comunicação, abrindo possibilidades para a criança entrar num mundo de comunicações complexas, distinguindo realidade, invenção, imaginação, etc. e ainda afirma que a brincadeira implica em tomada de decisões. Decidir brincar é uma proposta, seja ela vinda de um parceiro, de uma brincadeira ou de um jogo com regras preestabelecidas.

Observamos isto, durante os jogos, quando as crianças, têm a oportunidade de escolher se querem ou não participar de determinados desafios ou escolhem seus times ou grupos.

Posto isto, acreditamos que além do desjejum, da merenda, dos projetos de incentivo a leitura e da educação, nossas crianças merecem ter um tempo e um espaço apropriado para brincar. E cabe a equipe pedagógica e aos professores que passam um bom tempo com essas crianças, romperem paradoxos, permitindo e favorecendo a brincadeira nas escolas deste Município.

“A brincadeira infantil é uma forma de perpetuar para a espécie as atividades necessárias ao desenvolvimento da infância”. (Lima, 2007. p.7).

“As crianças brincam com o que tem nas mãos e com o que tem na cabeça” (Brougère, 1995), segundo o autor, os brinquedos orientam algumas brincadeiras, permitindo que as crianças utilizem a criatividade e as diversas formas de experiências. Os brinquedos recheiam de conteúdos as brincadeiras e as relações das crianças com os adultos.

Então, uma proposta lúdica no contexto escolar deste município, irá contribuir muito com a permissão às nossas crianças das tomadas de decisão, da competição, da descoberta, da invenção, da construção, dos experimentos, dos questionamentos, e do prazer, porque brincar é maravilhoso e não se esquece uma brincadeira, jogo ou brinquedo jamais.

Nosso município investiu em brinquedos pedagógicos e as Unidades escolares receberam materiais variados e de boa qualidade. Faz-se necessário garantir um momento para que este material seja utilizado nas escolas pelas crianças, valorizando a criação, a imaginação e a ludicidade.

Ao observarmos crianças brincando em nossa escola, resolvemos questioná-los. Entrevistamos crianças com idades variadas e as respostas são bastante parecidas.

O que é brincar?

Vitor - 6 anos (1º ano) _ Brincar é divertido.

Richard – 6 anos (1º ano) _ Ah! É de pega - pega e é legal!

Vitória - 11 anos (2º ano) _ É pular corda, correr.

Bruna - 10 anos (5º ano) _ É diversão.

Marcelo - 12 anos (5º ano) _ É se divertir!

O que é jogar?

Vitor _ Jogar é legal!

Richard _ É de jogar futebol.

Vitória _ É jogar futebol ué!

Bruna _ É ganhar!

Marcelo _ No jogo tem emoção, competição.

Brincar em casa é diferente de brincar na rua? Por quê?

Vitor _ Algumas vezes é. Porque eu posso ficar mais tempo brincando em casa.

Richard _ É diferente. Eu acho que aqui na escola não dá para brincar, só em casa.

Vitória _ É. Porque em casa é mais calmo, na escola eu brinco pouco. Porque só se aprende estudando, escola é pra estudar.

Bruna _ É. Porque em casa eu tenho as minhas coisas e na escola não tem muito tempo.

Marcelo _ É. Em casa eu não tenho muito ânimo. Na escola tem mais amigos para brincar. Eu brinco no recreio e na recreação.

Percebemos que algumas não acreditam que a escola seja um lugar para brincar, reclamam da falta de tempo destinada aos jogos e brincadeiras. O brincar é divertido, o jogo é uma competição e existe uma diferença entre o brincar em casa e na escola. E o jogo, com o material pedagógico utilizado na escola, não foi citado por nenhuma das crianças.

Para Borba (2006), a criança incorpora a experiência social e cultural do brincar por meio das relações que estabelece com os outros. Desenvolvimento e aprendizagem estão interligados, porém, segundo a autora, hoje ainda se tem a idéia de que brincar é algo de pouco importância, sendo avaliado como tempo perdido pelos professores no cotidiano escolar, levando cada vez mais à diminuição dos espaços e tempos do brincar.

A humanidade nos primeiros anos de vida aprende brincando. O ato de brincar estimula hormônios, melhora a coordenação e o desenvolvimento social, após anos de preconceito, alguns especialistas comprovaram a eficácia das brincadeiras no desenvolvimento infantil.

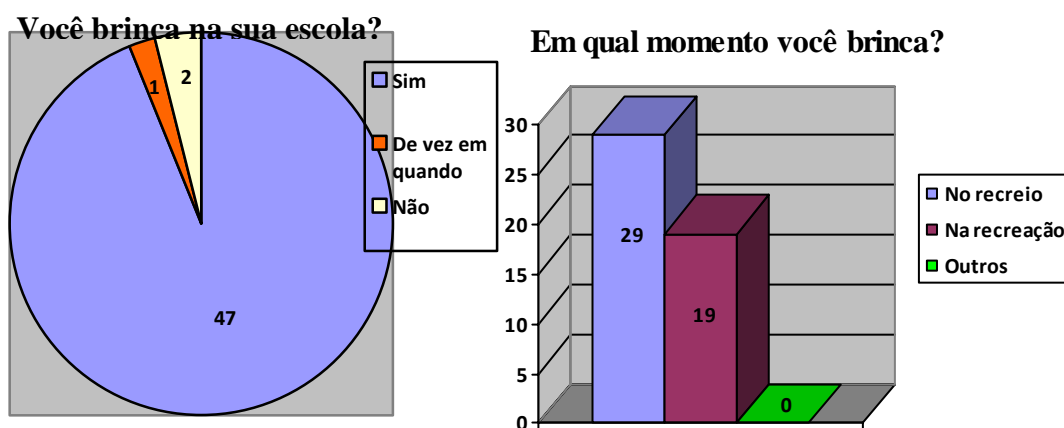
O brincar na escola garante à nossas crianças a oportunidade de conhecer e se desenvolver através das brincadeiras, que não foram esquecidas com o avanço tecnológico, através do qual as crianças passaram a brincar sozinhas, sem a possibilidade de troca, de parceria, de socialização.

3- PRÁTICA *VERSUS* TEORIA: A BRINCADEIRA EXISTE EM NOSSA ESCOLA?

As informações a seguir são frutos de questionários realizados em nossa Unidade escolar, aplicadas durante o ano de 2009. O objetivo foi conhecer as concepções sobre o brincar, o que pensam os profissionais da educação e a comunidade em relação ao momento da brincadeira na escola e como é garantido este espaço.

Foram produzidos quatro tipos de questionários diferentes, que contemplavam os seguintes agentes escolares: alunos, docentes, equipe pedagógica e os responsáveis dos estudantes. A divisão dos setenta e cinco questionários respondidos no total aconteceu da seguinte maneira: cinquenta foram passados para os alunos, quinze para seus responsáveis, seis para os professores e quatro para a equipe pedagógica da unidade escolar.

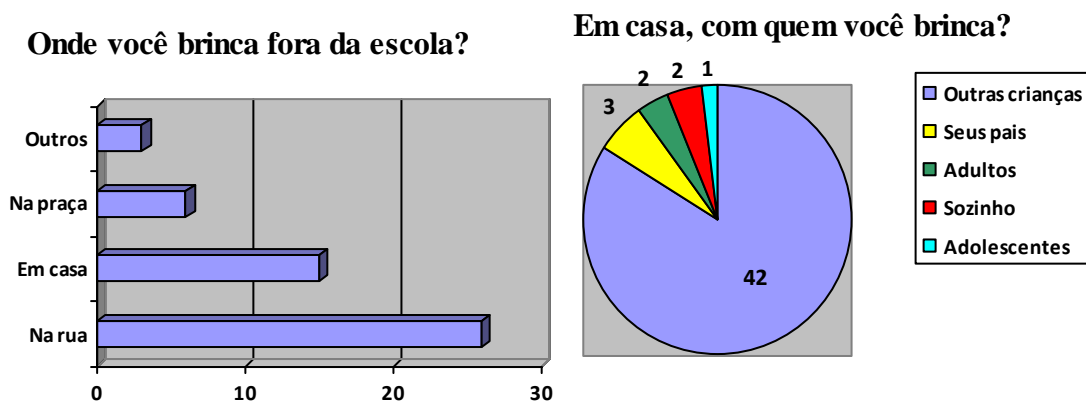
Primeiramente, analisamos os questionários de nossos alunos, pelo qual observamos que a maioria dos participantes acredita que brincam na escola. Porém, eles revelam que o momento da brincadeira está vinculado ao recreio, este destinado também a merenda escolar e que tem duração de 20 minutos, isso, quando a comida, que vem transportada de outra unidade escolar, chega no horário. Contudo, o atraso desta é freqüente, o que implica na diminuição do horário destinado ao recreio, dificultando ainda mais o tempo que os alunos consideram como o propício para a brincadeira.



Em nossa pesquisa acrescentamos a recreação como alternativa no momento destinado a brincadeira, mas este momento não é garantido em nossa unidade escolar. Podemos perceber a sua ausência através da maior escolha dentre outras alternativas,

somente a turma do 5º ano afirma brincar na recreação, garantida por sua professora, com o intuito de divertimento e extravasamento de energia.

Quando perguntadas sobre onde brincam fora da escola, as crianças em sua maioria afirmam que brincam na rua, local este que acreditamos não ser mais tão seguro e adequado nos dias atuais, por questão principalmente de violência. Observamos que as brincadeiras tradicionais como piques, pular corda, amarelinha, queimado, bola, pipa, gude e outras ainda são muito utilizadas por nossos alunos, o que lhes possibilitam o brincar na maioria das vezes com outras crianças e nos mostram também que mesmo com o avanço tecnológico e a acessibilidade aos brinquedos eletrônicos, como videogames, carros com controle remotos e minigames, as brincadeiras antigas ainda estão presentes no dia a dia deles, garantindo momentos de criatividade, competição, espírito de equipe, respeito ao próximo e as regras. Revelando que sentem muita alegria, felicidade e animação ao brincar, alguns chegam a relatar que se sentem cansados de tanto brincar, sentindo-se como crianças, o que ratifica que brincar seja uma característica da infância.



É através da brincadeira que a criança revela o que vivencia como já citamos anteriormente, ela está presente e faz parte da infância. Segundo Gomes (1999):

“A criança expressa-se pelo ato lúdico e é através desse ato que a infância carrega consigo as brincadeiras. Elas perpetuam e renovam a cultura infantil, desenvolvendo formas de convivência social, modificando-se e recebendo novos conteúdos, a fim de se renovar a cada nova geração. É pelo brincar e repetir a brincadeira que a criança saboreia a vitória da aquisição de um novo brincar” (p.103).

A escola apesar de pretender que o aluno desenvolva linguagens, símbolos e regras de convivência social, ainda apresenta em sua proposta que a criança realize suas atividades em carteiras, de maneira individual, contradizendo o objetivo da brincadeira que promove a interação.

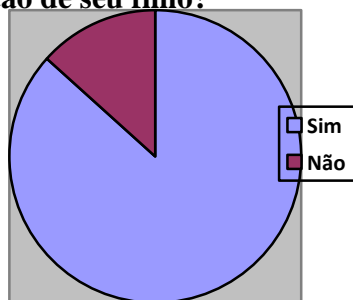
Pretendemos apontar para a importância das atividades lúdicas, porém, ela não é a solução de todas as dificuldades existentes na sala de aula, muito menos a única maneira de perceber a criança e de fazê-la desenvolver sua aprendizagem. Acreditamos sim que, pelo fato de trabalharmos com o primeiro segmento do ensino fundamental, trabalhamos com crianças e por ser a brincadeira a forma mais peculiar de observá-la e compreendê-la, porque não usá-la.

“A brincadeira é uma forma privilegiada de aprendizagem. Na medida em que vão crescendo, as crianças trazem para suas brincadeiras o que vêem, escutam, observam e experimentam. Estas ficam ainda mais interessantes quando os diversos conhecimentos a que tiveram acesso podem ser combinados. Nessas combinações, muitas vezes inusitadas aos olhos dos adultos, as crianças revelam suas visões de mundo, suas descobertas.” (PORTO, 2008. p. 3).

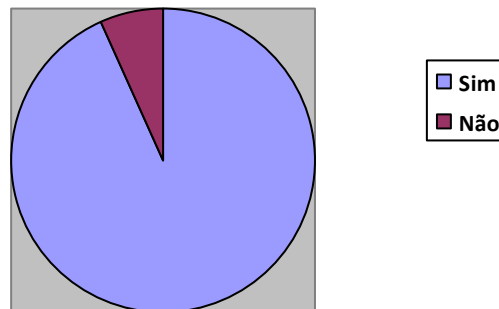
Os questionários realizados com as famílias revelam a falta de informação sobre a ausência da brincadeira na escola. Os responsáveis acreditam que existe tempo destinado a brincadeira e compreendem a importância da mesma tanto relacionada ao conteúdo como também ao simples ato de brincar. Porém, quando perguntados como vêem a brincadeira na escola de seus filhos, a maioria afirma ser como forma de aprendizado e que desta maneira o ensino fica menos cansativo. Os responsáveis brincam pouco com seus filhos e os jogos (brinquedos como dominó e outros) são as brincadeiras mais frequentes. Acreditamos ser a falta de tempo um agravante na ausência da brincadeira entre pais e filhos.

Os responsáveis que convivem com as crianças necessitam compreender a importância de se tornarem parceiros nos jogos e brincadeiras, reconhecendo na atividade o valor imprescindível em cada gesto, ação e palavra. Tornando a relação da brincadeira entre pai e filho uma atividade de aprendizagem e reconhecimento, não só da criança, mas também do adulto. Fazendo com que através dessa observação e participação no brincar, o adulto reconheça características, preferências e até perceba o estado emocional que a criança se encontra no momento.

A brincadeira é importante na educação de seu filho?



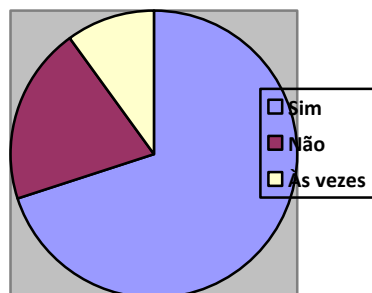
Na escola de seu filho existe tempo dedicado a brincadeira?



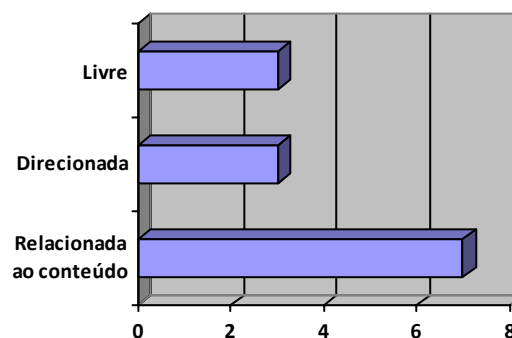
Chamamos atenção para a valorização e importância desse encontro entre pais e filhos e dos benefícios alcançados com ele, onde a troca e o retorno são passíveis de muito aprendizado, até mesmo como fontes de informação trazidas da família para a escola.

Os profissionais entrevistados reconhecem a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil, da socialização garantida pela brincadeira. Como foram aplicados apenas em nossa comunidade escolar, percebemos por parte dos professores e equipe pedagógica uma distância entre prática e teoria. Os profissionais relataram que no momento de brincar a criança imagina e cria um mundo só seu, um mundo ideal. Que a brincadeira deve ser dirigida e planejada para fixar conteúdos e que na escola existe um espaço (momento) para isso. Esse dado é interessante, pois mostra-se diferente da realidade por nós encontrada, onde não há valorização da brincadeira, nem um momento garantido a ela nesta Unidade escolar.

A brincadeira está presente em sua Unidade Escolar e/ou em seu planejamento?



De que maneira a brincadeira é utilizada pelas professoras na Unidade Escolar?



Existe divergência por parte da equipe pedagógica quando indagados a respeito da presença da brincadeira na Unidade, sobre a concepção dada ao ato de brincar, assim como na maneira como os professores utilizam esta. Revelando que o brincar não tem sido oportunizado aos alunos como atividade de desenvolvimento e diversão.

As professoras entrevistadas acreditam que o brincar estimula a criatividade, a percepção, a atenção e que neste momento a criança se desenvolve e se diverte. Cria conceitos importantes sobre competir, ganhar e perder. Participando, contribuindo e trabalhando em equipe, as crianças se concentram. Que o brincar sugere respeito, além de ser prazeroso. Sem falar no cumprimento de regras, através do simples ato de jogar. Porém, esbarramos com uma realidade distante desses conceitos. Existe sim, à vontade e a necessidade de elaboração de um projeto (equipe pedagógica e professores), para dar espaço para a brincadeira nesta escola e em todas as outras. Os professores precisam aliar teoria à prática, criando novas estratégias aliadas a um currículo bem elaborado. Onde a ludicidade seja parte **integrante** dos conteúdos abordados, permitindo aos alunos a liberdade de pensamento, criação e escolha de brincadeiras, respeitando o seu momento.

É prevista pela LDB (9394/96), a garantia a Educação Física aos alunos do ensino fundamental do primeiro segmento, seria muito interessante à inclusão dos profissionais desta área na educação do município de Mesquita e de suma importância o trabalho desenvolvido por eles. Ao afirmarmos essa necessidade estamos tratando do universo escolar onde as atividades motoras são essenciais, é fato que a criança só compreende quando vivencia, essa é a relação entre o concreto e o sujeito. O ato de chutar, pegar, brincar, correr, cheirar e ver faz com que a criança transforme em símbolos aquilo que para ela era abstrato.

Acreditamos que a criança lê e escreve o que para ela faz sentido ou faz parte do mundo real, se ela tem a possibilidade de ampliar esse mundo, logo terá acesso a um repertório maior de palavras, então a presença do jogo ou brincadeira seria um importante aliado.

Estudiosos garantem que brincando as crianças se preparam para escrever. Jogos e atividades com bola ajudam a conhecer o corpo e desenvolvem a coordenação motora de crianças em fase de alfabetização.

“A tarefa é complexa. Mobiliza catorze ossos digitais, cinco palmares, oito do punho e diversos músculos do braço. Tudo isso amparado por ombros e a coluna vertebral. Toda atenção é dirigida ao objeto de plástico

ou madeira que, graças ao sutil movimento de pinça do polegar opositor em conjunto com o indicador e o dedo médio pressionam o papel, fazendo nele uma marca chamada letra.” (PRADO, 2002. p. 38).

Por isso, é fundamental oferecermos atividades que proporcionem o desenvolvimento da coordenação motora das crianças e acreditamos que a inclusão de profissionais da educação física pode nos auxiliar a fazer essa tarefa de forma mais sistemática e adequada, dado a sua formação específica. Mas, não significa que o ato de brincar vai ficar restrito somente a esses momentos, como já apresentamos ao longo do trabalho, a brincadeira é inerente a criança e, nesse sentido, não pode ser controlada pelos adultos.

Com a ausência do profissional de Educação Física em nossa escola, o desenvolvimento de atividades físicas deveria ser realizado pelas professoras de classes. E através da brincadeira as professoras poderiam desenvolver na escola essas habilidades, auxiliando também no processo de ensino-aprendizagem.

Observamos que nas escolas particulares existe a presença dessas atividades desenvolvidas por profissionais desde cedo, o que não acontece nas escolas públicas, onde é raro ver crianças brincando sob o olhar atento de um profissional.

Acreditamos que é possível a educação acontecer em um espaço de liberdade, de crítica, de movimento e criatividade. Uma escola que deseja seus alunos formados plenamente como cidadãos não pode restringir a sua mobilidade. Mas, o que ocorre, é que alguns adultos não conseguem aceitar essa mobilidade. Nós, como professores temos que garantir que os alunos não sejam presos em suas carteiras, imobilizados e silenciados.

O corpo e a mente são partes integrantes que formam um único indivíduo, por isso, não podem ser entendidos como componentes inimigos, onde a mente tem como objetivo a assimilação dos conteúdos, enquanto o corpo se torna somente um intruso que, quanto mais quieto estiver, melhor.

É essa mobilidade através da brincadeira, que nós desejamos garantir aos nossos alunos. Se a brincadeira é o que caracteriza a criança, não faria muito mais sentido se as nossas ações pedagógicas fossem relacionadas a ela? Se eles vivessem com plenitude concretamente e corporalmente todo conhecimento que deve ser assimilado na escola? O conteúdo com certeza tornar-se-ia muito mais significativo.

Comprovamos a importância de ouvir os protagonistas do cotidiano escolar, através da pesquisa realizada, pois esta deu fundamentação ao nosso discurso, onde

podemos comprovar que a criança se sente feliz no momento em que brinca, que os responsáveis acreditam que a brincadeira pode ser parte integrante da escola e que os professores precisa tornar a brincadeira uma aliada do processo de ensino-aprendizagem, deixando de usá-la somente em suas teorias.

“Onde está o movimento da descoberta, do prazer, da alegria, da vida, das emoções e do encantamento que rodeiam a vida de muitas das nossas crianças? Muitas vezes damos lugar em nossas salas de aula apenas para o controle, a privação, a punição, a vigilância, o governo de si e do outro. Precisamos, em muitos casos, também resgatar o espaço do lúdico pelo lúdico, passear para curtir o que está ao nosso redor, assistir a um filme apenas por assistir, ouvir ou contar histórias ou teatros pelo mágico que eles carregam, curtir uma praça para poder rolar na grama, curtir o que é inerente a cada um desses espaços e não apenas para chegarmos na sala e termos o que desenhar o que se viu o que se ouviu, contar na hora da novidade o que as crianças mais gostaram no passeio, contar o que aconteceu no início, meio e fim da história, do teatro. Parece que tudo, na escola, está sendo excessivamente *pedagogizado*, perdendo-se a idéia de prazer, que está inerente a cada atividade da criança. O prazer do brincar e esquecemos que : olhar, curtir, tocar, experimentar faz parte do ser criança, faz parte da descoberta na infância e da construção de novos sujeitos-criança”. (DORNELLES, 1996, p.107).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante todo projeto de pesquisa nós concentramos o foco no direito a brincadeira dentro de nossa unidade escolar. Pensando na possibilidade de garantir este direito, e incluí-lo no projeto político pedagógico que vem sendo elaborado no município de Mesquita e que deverá nortear todas as escolas.

Para nos aprofundamos no tema pesquisamos os benefícios da brincadeira, das possibilidades de brincar sem cunho pedagógico, da garantia do direito de brincar, relatado nas leis e a importância da brincadeira no desenvolvimento infantil.

Percebemos com os questionários que a prática esta longe da teoria. Como as famílias, alguns educadores e também as crianças ainda acreditam que a escola não é lugar para brincar.

Fizemos leituras que nos ajudaram a compreender como a concepção de infância é norteadora das práticas das instituições e como as crianças são influenciadas pelas formas de organização da sociedade, uma dessas influências se manifesta na falta de tempo e de um momento dedicado a brincadeira.

Através da análise das Leis percebemos que as crianças têm direito de brincar e que este deve ser garantido pela sociedade e por autoridades públicas. Compreendemos que a criação de momentos e espaços para práticas relacionadas ao brincar garante que a potencialidade das crianças sejam desenvolvidas. Neste caso, apresentamos a brincadeira como uma das diversas maneiras de desenvolvimento corporal e mental da criança sem que esteja ligado ou vinculado diretamente a algum conteúdo didático. É certo que a presença da brincadeira é válida como recurso didático e a garantia de uma aprendizagem lúdica, mas queremos apresentar a brincadeira como uma atividade nata das crianças, e garanti-la nas escolas do município de Mesquita.

Apresentamos fundamentos que justificam que no brincar as crianças experimentam, criam, questionam, escolhem, realizam e acima de tudo se divertem. O que para muitos alunos de escola pública, são raros e preciosos momentos.

Com o intuito de enriquecer o trabalho de toda teoria relatado nas laudas e aliá-lo a nossa prática, resolvemos aplicar os questionários para análise e compreensão da opinião dos sujeitos envolvidos na ação, o que nos permitiu conhecer os desejos e a opinião dos entrevistados em relação ao foco principal de nossa pesquisa.

Consideramos esta pesquisa como um estudo de grande relevância para a educação no município de Mesquita e desejamos que a brincadeira seja garantida em

nossas escolas. Pois, acreditamos que esta seja uma grande aliada dos professores para o desenvolvimento pleno do cidadão, tornando-os indivíduos questionadores, criativos, críticos e felizes. Porque assim relatam nossos alunos: quando brincam são felizes!

João e Maria

Agora eu era herói
 E o meu cavalo só falava inglês.
 A noiva do cowboy era você
 Além das outras três.
 Eu enfrentava os batalhões
 Os alemães e seus canhões.
 Guardava o meu bodoque
 E ensaiava um rock para as matinês.

Agora eu era o rei
 Era o bedel era também juiz.
 E pela minha lei
 A gente era obrigada a ser feliz.
 E você era a princesa
 Que eu fiz coroar
 Era tão linda de se admirar
 Que andava nua pelo meu país.

Não, não fuja não
 Finja que agora eu era o seu brinquedo
 Eu era o seu pião
 O seu bicho preferido.
 Sim, me dê a mão
 A gente agora já não tinha medo
 No tempo da maldade
 Acho que a gente nem era nascido.

Agora era fatal
 Que o faz-de-conta terminasse assim
 Pra lá deste quintal
 Era uma noite que não tem mais fim.
 Pois você sumiu no mundo
 Sem me avisar
 E agora eu era um louco a perguntar
 O que é que a vida vai fazer de mim.
 (CHICO BUARQUE e SIVUCA).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- _ RIZZI, Leonor. HAYDT, Regina Célia. Atividades lúdicas na educação da criança. São Paulo: 7ª edição. Ática, 1998.
- _ HOLANDA, Aurélio Buarque de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. 2ª Edição. Nova Fronteira, 1986.
- _ FREIRE, João Batista. Educação de Corpo Inteiro: Teoria e prática da educação Física. Spione, 1997.
- _ ARIÈS. Phillippe. Os dois sentimentos de infância. In: História social da criança e da família, p.157-164.
- _ POSTMAN, Neil. Quando não havia crianças. In: O desaparecimento da infância.
- _ KOHAN, Walter. A infância da educação: o conceito dever-criança. In: KOHAN, Walter O. Lugares da Infância: Filosofia. Rio de Janeiro: DP&A, 2004, p.51-68.
- _ GAGNEBIN, J. M. A criança no limiar do labirinto. In: História e narração em W. Benjamin. Campinas, Perspectiva, 1994, p. 83-105.
- _ BORBA, Ângela Meyer. O brincar como modo de ser e estar no mundo. Brasília: MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.
- _ TOLEDO, Cristina. O brincar e a constituição de identidades e diferenças na escola.
- _ GOULART, Cecília. Crianças de seis anos na escola de nove anos: cultura lúdica e cultura escrita sem antagonismos.
- _ Ensino Fundamental de nove anos: Orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade / organização: Jeanete Beauchamp, Sandra, Denise Pagel, Aricélia Ribeiro do Nascimento. Brasília: MEC, Secretária de Educação Básica, 2007.
- _ Lei de Diretrizes e Bases da Educação, Brasília, 1996.
- _ Parâmetros Curriculares Nacionais: Introdução aos Parâmetros Curriculares Nacionais / Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- _ Estatuto da Criança e do Adolescente/ Secretaria Especial dos Direitos Humanos; Ministério da Educação, Assessoria de Comunicação Social- Brasília: MEC, ACS, 2005.
- _ CORSARO, Willian A. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. Campinas, vol.26, nº.91, p. 443-464, Maio/Ago. 2005

_ATZINGEN, Maria Cristina Von. História do Brinquedo – Para crianças conhecerem e os adultos se lembrarem. São Paulo: Alegro, 2001.

_VYGOTSKY; LÚRIA; LEONTIEV. Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem. São Paulo: Ícone, 1998.

_PINTO. A infância como construção social. In: PINTO, Manuel, SARMENTO, Manuel Jacinto. (Cord.). As Crianças: contextos e identidades. Coleção infans - Centro de estudos da criança. Universidade do Moinho. 1997.

_WINNICOTT, Donald. W. O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_FORTUNA, Tânia Ramos. O museu em jogo.

_LIMA, Elvira Souza. Coleção Cultura, Ciência e Cidadania. São Paulo. Inter Alia, 2007.

_ SARMENTO, Manuel Jacinto, Pinto, Manuel. As crianças e a infância: definindo conceitos, delimitando o campo. In: PINTO, Manuel, SARMENTO, Manuel J. (Cord.). As crianças: contextos e identidades. Coleção infans – Centro de estudos das crianças. Universidade do Moinho. 1997.

_KRAMER, Sônia. A infância e sua singularidade. In: KRAMER, S. Infância, cultura e educação. In: PAIVA, A. EVANGELISTA, A. PAULINO, G. (Org.). No fim do século: a diversidade. O jogo do livro infantil e juvenil. Editora Autêntica/ CEALE, 2000, p. 9-36.

_NASCIMENTO, Anelise Monteiro do. A infância na escola e na vida: uma relação fundamental.

_Revista Ciência Hoje das Crianças. Rio de Janeiro. 2ª edição. Ano 21, nº 195, outubro de 2008.

Sites da Internet:

_www.cedes.unicamp.br

_www.ufrgs.br/faced/extensão/brincar

_www.anped.org.br

_www.vagalume.com.br

_www.acmd.org.br/arquivos/id_6_declaracaouniversal.doc.

ANEXOS